

**DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS,
MAURA LOPES CANÇADO E WALMIR AYALA:
UMA PESQUISA INTERDISCIPLINAR³⁹**

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)
drfortuna@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desta comunicação é apresentar o projeto de pesquisa “Diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários”, contemplado pelo Edital Jovem Cientista do Nosso Estado 2014 da FAPERJ. O objetivo do projeto é comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, tendo como o foco seus corpos e suas emoções. Estes autores escreveram seus diários na década de 1950 e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram de enfrentar. Carolina Maria de Jesus escrevia para se sobrepôr à miséria. Maura Lopes Cançado escrevia para resistir à loucura. E Walmir Ayala, para lidar com a sua homossexualidade. A análise utiliza um escopo teórico interdisciplinar, que inclui, principalmente, estudos sobre o discurso, a antropologia das emoções e o corpo. A metodologia para a realização desta pesquisa se estrutura em três linhas: analítica, teórica e comparativa.

Palavras-chave:

Diário. Carolina Maria de Jesus. Maura Lopes Cançado. Walmir Ayala.

1. Introdução

Ao longo de nossas vidas, enfrentamos muitas dificuldades. Certas pessoas, muito mais do que outras. Nesses momentos, alguns sucumbem. Mas muitos encontram mecanismos de resistência. Dentre esses mecanismos, o diário é um bastante significativo. Um terapeuta gratuito, um ouvinte sem críticas, um espaço para dividir tudo, um confessor irretido – angústias, sonhos, sofrimentos alegrias... Assim é o diário.

Inúmeros escritores (conhecidos ou não) tiveram diários. Poderíamos dizer que suas páginas seriam como extensão dos corpos de seus autores. Escrever seria parte de sua rotina diária, como alimentar-se, trabalhar, dormir. Entretanto, como afirma Lejeune (2014, p. 306), o diário “é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá”.

³⁹ A autora agradece à FAPERJ pelo apoio

Assim, depois que o corpo físico desaparecer, o simbólico estará lá; trará um pouco da essência de quem já não existe mais. Por meio dele, poderemos não apenas recuperar uma fase de suas vidas, como, quem sabe, perceber o pano de fundo, o contexto no qual foi escrito. Podemos perceber também como eram suas emoções: o que pensavam e sentiam, principalmente, nas situações difíceis.

Feitas essas considerações, apresentamos aqui uma pesquisa que tem por objetivo principal analisar os diários de três escritores brasileiros, que os publicaram entre as décadas de 1950 e 1960: Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala.

O projeto “Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários” foi contemplado no edital da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) “Jovem Cientista do Nosso Estado”, em 2014, e teve início em janeiro de 2015.

Aqui pretendemos apresentar brevemente a pesquisa e alguns de seus resultados preliminares.

2. *Motivações para o projeto e estabelecimento do corpus*

Ao longo de dois anos, pesquisamos os diários *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário*, de Carolina Maria de Jesus, comparando-os com o filme *Estamira*. Parte da pesquisa foi desenvolvida como projeto de pós-doutorado na pós-graduação em comunicação social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sobre a supervisão da professora Denise da Costa Oliveira Siqueira. O foco dessa pesquisa era também o corpo e, ainda, o nojo.

O contato com o grupo de pesquisa *Corps – Corpo*, representação e espaço urbano – levou-nos a leituras sobre a antropologia das emoções e sua relação com o discurso, que tem como base o pensamento de Foucault (1966, 2012). Além disso, a própria pesquisa dos diários de Carolina tornou necessário um aprofundamento nos estudos sobre as escritas de si. Cabe ressaltar também a questão da interdisciplinaridade da pesquisa: aportes teóricos de diferentes áreas foram fundamentais para a definição do projeto e para o seu atual andamento.

Começamos a nos dar conta de que o diário, para Carolina, era como a extensão de seu próprio corpo e que nele ela, não apenas relatava

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

o seu cotidiano, como expressava suas emoções e parecia ter em sua escrita um espaço de resistência às dificuldades que enfrentava em sua vida de favelada e catadora de lixo.

Assim, com o tempo, começamos a nos indagar se haveria outros diários publicados na mesma época em que Carolina Maria de Jesus publicou *Quarto de Despejo* e também se esses autores tinham com a escrita diarística a mesma relação que Carolina. A investigação nos levou a quatro autores, além de Carolina: Maura Lopes Cançado, Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus.

Os cinco escritores tinham em comum os diários, mas o quê mais? Ao analisar suas obras, foi possível perceber algumas diferenças. Lúcio Cardoso, por exemplo, em seu diário, reflete sobre o cenário cultural da década de 1950 e aborda assuntos como o sentido da vida. Além de seus textos, seus diários – que estão publicados em dois volumes (*Diário I* e *Diário Completo*) – apresentam fotos e correspondência do autor. Já Harry Laus, cujos diários estão publicados em *Impressões de Vida* e *Monólogo da Provação*, embora fale sobre seu cotidiano, também traz trechos de cartas.

Com isso, ficou claro que, para esses autores, a relação com os diários não era a mesma de Carolina. Optamos por um *corpus* em que pudessemos perceber mais semelhanças do que diferenças. Ao analisarmos os textos de Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala, foi possível definirmos o recorte.

Em *Hospício é Deus*, Maura relata sua vida, os problemas que enfrentou, desde muito jovem, em função da doença mental, sua internação no hospício e as dificuldades por que passou ali. Seu diário é um confessor, um companheiro. Ela expressa ali suas emoções e também, escrever, a ajuda a resistir no manicômio, no Rio de Janeiro da década de 1950 – um lugar e uma época onde prevalecem a solidão, o descaso e até o desprezo pelo doente mental.

No que diz respeito a Walmir Ayala, o escritor publicou três diários: *Diário I – Difícil É o Reino*, *Diário II – O Visível Amor* e *Diário III – A Fuga do Arcanjo*. Neles, além de contar seu cotidiano no Rio de Janeiro dos anos 1950, Ayala revela como lidava como a homossexualidade. Diversos trechos dão testemunho da angústia e sofrimento por que passava.

Dessa forma, os diários dos três autores – Carolina, Maura e Ayala – atendiam aos pressupostos da nossa pesquisa: configuravam-se como extensão de seus corpos; como espaço para expressão de suas emoções; como relatores da realidade; e, por fim, como lugar de resistência.

A seguir, teceremos algumas reflexões sobre a questão do corpo na pesquisa, para, finalmente, discutir alguns resultados parciais.

3. *Por uma breve genealogia do corpo e seu papel na pesquisa*

Ao analisarmos o corpo na história, é possível perceber como a relação do ser humano com este foi se modificando. Rodrigues (1995) considera que, na Idade Média, corpo, vida e morte eram uma coisa só. Tudo fazia parte de um ciclo: a morte não era o fim da vida, tanto que muitas festas eram realizadas em cemitérios, e os cadáveres expostos faziam parte dos festejos. A relação com os orifícios também era diferente. Não era condenável defecar em público ou escarrar, por exemplo.

Com o tempo, o comportamento corporal foi se modificando. Le Breton (2011) considera que o surgimento do individualismo ocidental foi fundamental para esta mudança:

O corpo como elemento isolável do homem (...) não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros, relativamente autônomos em suas iniciativas, em seus valores. O corpo funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito. Ele é fator de individuação. (LE BRETON, 2011, p. 32)

Dessa maneira, o homem teve seu corpo isolado, diferente do que acontecia na Idade Média. Nos séculos XV e XVI, passou, então, a ter mais preocupações com a higiene e a privacidade. Se o corpo antes era abundante, agora ele passou a ser contido ou a atuar nesse sentido. O corpo tornou-se fronteira entre um sujeito e outro, represando e contendo as energias, que antes conectavam os sujeitos na comunidade. (LE BRETON, 2011)

No século XVII, o corpo foi ainda mais reificado. Transformou-se em objeto da ciência. Le Breton (2011) considera que, com o objetivo de corrigi-lo e fazer dele uma mecânica, passou a associá-lo à ideia de máquina. Segundo o autor, tal filosofia mecanicista acabou prevalecendo sobre as outras formas de se ver o corpo.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Para Foucault (1977), o corpo foi é objeto e alvo de poder e, portanto, deve ser controlado da melhor maneira possível, para que seja útil e inteligível: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 1977, p. 126)

De acordo com o filósofo, o interesse pela docilidade dos corpos acentuou-se a partir do século XVIII, quando começaram a surgir métodos mais eficazes de coerção do corpo: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 1977, p. 126)

O autor de *Vigiar e Punir* afirma que tais métodos disciplinares já existiam há bastante tempo em lugares como conventos, exércitos e até oficinas, mas que se tornaram “fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1977, p. 126). O propósito é fazer com que o corpo não apenas tenha suas habilidades aumentadas e desenvolvidas, mas principalmente torná-lo obediente e útil.

Para tanto, é fundamental o papel das escolas, dos espaços hospitalares e da organização militar. Esses lugares são capazes de desenvolver “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica do poder’” (FOUCAULT, 1977, p. 128).

Dentre essas minúcias, Foucault (1977, p. 129) destaca a educação cristã e a pedagogia escolar ou militar:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.

O comportamento corporal, então, deve ser disciplinado, contido, para que suas reações sejam calculadas e todos os objetivos traçados sejam facilmente alcançados. Corpos dóceis para uma vida organizada e sem percalços inesperados.

O desejo por uma docilidade do corpo perdura até hoje, assim como perduram também as fugas, resistências e desobediências às disciplinas. É fato que a disciplina é essencial para a manutenção da ordem nas sociedades, entretanto, cabe salientar que tais disciplinas, além de

igualarem os sujeitos, colocam sob suspeita todos aqueles que, de alguma forma, não se enquadram nessa ordem – o que é o caso dos escritores aqui pesquisados.

Antes de partir para esta análise, porém, importa refletir sobre o corpo hoje, cada vez mais fragmentado e sujeito às imposições cada vez mais exigentes da vida cotidiana e às técnicas da ciência médica.

De acordo com Le Breton (2011, p. 145), “a partir das ações diárias do homem, o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das recepções sensoriais”. Nesse sentido, o cotidiano é muito importante no comportamento corporal: é preciso seguir o que é aceitável e, na verdade, acabamos por aprender como devemos nos comportar em função da disciplina e da repetição.

Le Breton (2011, p. 147) considera que

Nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Ele desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações.

Os gestos devem ser planejados, pois estamos sob constante observação, principalmente, nas cidades. Para Le Breton (2011, p. 159), “o olhar é hoje a figura hegemônica da socialidade urbana”. Por isso, tudo que salta aos olhos, chama a atenção. Por isso também, a vigilância aumenta: se o que destoa pode agredir a ordem, é necessário manter a disciplina, cuja primeira ação se dá por meio do olhar.

Talvez por querer passar a despercebido ou querer apenas que suas qualidades sejam apreciadas, “o homem ocidental, ao longo de sua vida cotidiana, manifesta implicitamente sua vontade de não sentir o corpo, de esquecer-lo, tanto quanto for possível” (LE BRETON, 2011, p. 195). Assim, revelar o corpo é apropriado apenas em certos lugares e situações, mas, ainda assim, cabe fazer o possível para manter a discrição.

Cada vez mais, o corpo se torna objeto. Acentua-se inexorável e profundamente a reificação que já se observara anteriormente: “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos, ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira”. (LE BRETON, 2011, p. 247)

Le Breton (2011) enfatiza ainda que, para cada categoria social, um corpo específico. Em algumas categorias (camadas rurais e operárias)

valoriza-se a força, a resistência; em outras (profissionais liberais), a aparência, a forma.

Com isso, vivemos um momento em que tudo, para o corpo, se exacerbou: as técnicas, o apagamento, a disciplina, o enquadramento, a vigilância etc. Isso posto, cabe retomar a pergunta que apresentamos anteriormente: como são os corpos daqueles que, de alguma maneira, fogem aos padrões socialmente estabelecidos?

4. Resultados parciais: o corpo de Carolina Maria de Jesus em seu diário

A corporeidade na década de 1950 é um pouco diferente do momento atual. Hoje em dia, modernizaram-se as técnicas científicas, o consumo de produtos em todos os níveis e para todas as necessidades se intensificou e, de certa forma, observa-se maior liberdade. Embora a mulher e o homossexual ainda sofram preconceitos, caminha-se – ainda que a passos lentos – para uma maior aceitação e igualdade de papéis.

Entretanto, a base do que vivemos hoje no que diz respeito ao corpo já estava lá. E como eram exatamente este corpo, a vida e as emoções dos sujeitos que fugiam ao padrão, como questionamos no final do item anterior?

É possível ter algumas impressões dessas existências por meio da análise dos diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala. Todos tinham no diário, como já afirmamos, um lugar de resistência e confissão.

Até agora analisamos mais detidamente o diário de Carolina do que as outras obras. Lejeune (2014, p. 312) considera que “o diário é vivido como escrita sem fim”. Assim, temos em *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* uma espécie de amontoado de instantâneos de uma vida.

Carolina relata seu cotidiano como mulher negra, catadora de lixo, moradora da favela do Canindé, na São Paulo da década de 1950, mãe solteira de três filhos e escritora. Sua vida, em tudo, parecia causar estranheza na sociedade de então: uma mulher negra, que vivia do seu próprio sustento, por meio de uma profissão marginal e que tinha um filho de cada pai. Como imaginar que alguém assim pudesse ser escritora?

Seu diário foi descoberto pelo jornalista Audálio Dantas, que o publicou. Atualmente, muito se discute sobre o seu papel no que concer-

ne à edição do texto. Entretanto, aqui não abordaremos esta questão, analisando apenas o que foi publicado.

Mesmo que muito tenha ficado de fora na edição feita por Audálio, notamos que o maior sonho de Carolina era tornar-se escritora: escrever para sobreviver a tudo e apesar de tudo. Em seu diário, a escritora fala de seu corpo, do corpo de seus filhos e dos outros moradores da favela: cansaço, sono – ou falta dele –, fome, males físicos, bebedeiras dos vizinhos.

O corpo de Carolina está constantemente cansado, mas resiste por e pela escrita: “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”. (JESUS, 1997, p. 17)

Por meio da escrita, é possível sobreviver, pois escrever – não apenas seu diário, mas romances, poesias, peças de teatro etc. – a tornava forte e dona de uma habilidade incomum em seu meio social. Dava-lhe a possibilidade de denunciar e ser reconhecida e até temida por isso.

Interessante apontar também que, em seu diário, a escritora apontava o corpo sem subterfúgios:

...E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. (...) Depois começam os comentários entre as crianças:

– A Fernanda saiu nua quando o Armim estava lhe batendo.

– Eu não vi. Ah! Que pena!

E o outro para citar-lhe aproxima-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. (JESUS, 1997, p. 40-41)⁴⁰

As referências às brigas, aos comentários de ordem sexual são diversas. A autora descreve ainda o que se passava na favela e na sua vida. Os filhos eram vítimas de doenças, como a verminose – “A Vera, ontem pois dois vermes pela boca. Está com febre”. (JESUS, 1997, p. 59) – ou de males que os atormentavam – “ela estava coçando-se e com a pele toda irritada” (JESUS, 1997, p. 60) A morte e a violência – muito menos do que nos dias de hoje, obviamente – faziam parte do cotidiano dos favelados: “– Da minha janela eu vejo a filha de Leila no seu esquite. O di-

⁴⁰ As referências ao texto de Carolina Maria de Jesus estão citadas na íntegra, conforme foram publicadas.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

abo é que lá não há respeito no velório. Parece até uma festa”. (JESUS, 1997, p. 122)

Como a emoção não se dissocia do corpo, pois é por meio dele que se manifesta, os exemplos no texto de Carolina Maria de Jesus também são inúmeros – tanto de maneira explícita como implícita.

Na citação acima, por exemplo, a autora demonstra a sua insatisfação com o comportamento de seus vizinhos diante da morte. Insatisfação, aliás, é uma emoção que permeia boa parte da fala de Carolina. Ela se sente insatisfeita com os políticos, com as condições da favela, com o comportamento dos seus filhos, com a atitude dos vizinhos, com o seu trabalho, com o fato de buscar ter sua obra publicada e não conseguir etc.

As sensações que descreve são muitas e variadas. Mas, em geral, o que predominam são a angústia e a tristeza: “Começo a achar minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha vida”. (JESUS, 1997, p. 79) Ou ainda: “O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. (...) Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando neste mundo”. (JESUS, 1997, p. 157)

A miséria e a fome a entristecem, mas Carolina não se coloca como vítima. Sua escrita revela força e resistência:

...Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 1997, p. 69)

Assim, Carolina vai se diferenciando no espaço em que vive, pois acredita que suas palavras “ferem mais do que a espada. E as feridas são incicatrizáveis”. (JESUS, 1997, p. 43)

Por meio da sua ‘espada’, foi abrindo caminhos e conquistando seus sonhos: o de ser escritora, vestir-se bem, comprar uma casa de alvenaria e proporcionar um futuro melhor para seus filhos.

A análise proposta aqui ainda precisa ser aprofundada, bem como a leitura das obras de Maura e Ayala e sua posterior comparação. Entretanto, buscamos apresentar brevemente o início de uma pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Walmir. *Diário I: Difícil é o reino*. Rio de Janeiro: GRD, 1962.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- _____. *Diário II: O visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1963.
- _____. *Diário III: A fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Brasília, 1976.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1965.
- CARDOSO, Lucio. *Diário I*. Rio de Janeiro: Elos, [s. d.].
- _____. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- ESTAMIRA. Produção de Marcos Padro e José Padilha. Rio de Janeiro: RioFilme, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.
- JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.